



Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
Brasil

Nina-Rodrigues, Raimundo

A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal (1903) Parte 2

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VII, núm. 3, septiembre, 2004, pp. 131-158

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017762013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal (1903)*

Parte 2

Raimundo Nina-Rodrigues

III – Formas clínicas da paranóia nos pretos brasileiros (continuação)

A) *Delírio crônico de evolução sistemática de Magnan. Delírio de perseguição de evolução sistemática primitiva (Garnier). Loucura sistemática progressiva (Régis). Tipo variável contínuo da paranóia (Tanzi e Riva). Paranóia tardia sistemática (Morselli) etc.*

Observação II (Marcio Nery)

Delírio sistematizado, doze anos de duração. Fase de agitação e de migrações.

Alucinações. Delírio de perseguição, sua transformação em delírio de grandeza. Sem informações sobre os antecedentes pessoais e hereditários.

* Artigo originalmente publicado sob o título “La paranóia chez les nègres”, *Archives d' Anthropologie Criminelle, de Criminologie et de Psychologie Normale et Pathologique*, Lyon, ano 18, n. 118, p. 609-51 e n. 119, p. 689-714, 1903. Tradução de Martha Gambini. Revisão técnica de Ana Maria G. R. Oda.

As referências bibliográficas são as do texto original de Nina-Rodrigues, apenas com a ortografia atualizada.

A Parte 1 foi publicada na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano VII, n. 2, p. 161-78, jun./2004.

Manoé R. F. de D. Preto, natural da Bahia, sessenta e cinco anos, casado, agricultor, analfabeto. Entrada no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro em 13 de janeiro de 1899.

Índice cefálico 80,7; diâmetro ântero-posterior 187mm; diâmetro transversal 151mm; arco longitudinal superior 330mm; arco bi-auricular 320mm; grande circunferência 560mm; altura 1,74m; envergadura 1,86m; peso 71 quilos.

Antigamente, era escravo na Bahia. Foi vendido e levado à região Sul do Brasil como castigo por suas repetidas fugas e por sua preguiça. Teve sífilis; alcoólatra.

A história do doente pode ser resumida da seguinte forma: a perturbação mental começou há cerca de dez anos e coincidiu com a data da libertação dos negros no Brasil (1888), após um grande conflito no qual ele esteve envolvido. As concepções delirantes são de ordem política. Ele teria sido perseguido por causa de sua franqueza e da independência com que se manifestou a favor da imperatriz. Essas idéias de perseguição eram no início simples suspeitas, mas foram tomando corpo, tornando-se mais nítidas e o doente começou a individualizar seus perseguidores, citando nomes. Para escapar da perseguição, ele abandona seu local de moradia e vai morar em Juiz de Fora, mas mesmo aí não estaria seguro e vai para o Rio de Janeiro, onde fica sabendo que foi designado para uma grande missão: é ele que deve restaurar a monarquia e reconduzir ao trono a imperatriz banida. Tinha lido claramente na testa da imperatriz a seguinte inscrição: "Dom Manoé", e isso lhe tinha revelado sua missão, pois era evidente que ele tinha sido eleito a fim de levá-la a bom termo. Hoje, ele acredita ser rei e aspira ocupar o lugar designado por sua verdadeira posição. Sua atitude é coerente com seu delírio megalomaniaco. Ele não se senta à mesa, para evitar contato com pessoas de baixa condição; fala com autoridade, ameaça, proclama incisivamente seu poder, que considera emanado de Deus; prodigaliza insultos e se encoleriza contra aqueles que se recusam a lhe prestar homenagens.

Outubro de 1901: Mesmo estado que em 1899. O delírio se mantém. O doente tornou-se mais agressivo e foi preciso isolá-lo.

Apesar de resumida e incompleta, essa observação não deixa de ser interessante. A fase inicial de agitação, de incubação e de interpretação delirante, as migrações do doente, a constituição do delírio de perseguição, sua transformação em delírio de grandeza são muito bem determinadas.

Esse indivíduo já era ou não um desequilibrado antes de seu delírio? Não há informação sobre isso, mas a probabilidade é grande, e é permitido supô-la. O sr. Marcio Nery nos disse que esse negro, no tempo em que era escravo, tinha sido vendido e levado para as províncias do Sul como castigo por suas repetidas fugas. De fato, era costume no Brasil, durante os últimos anos da exis-

tência da escravidão, vender os escravos a proprietários de fazendas de café da região meridional; os maus tratamentos que lhes eram infligidos nessas propriedades rurais tornavam essas vendas algo assustador e temível para os escravos de mau comportamento.

Notemos, de passagem, que o conteúdo do delírio, aqui, não tem nada de atávico.

Quatro casos de delírio crônico de Magnan foram observados até hoje em negros no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro. Devo à amabilidade do dr. Roxo, o resumo de duas dessas observações. Mas, infelizmente, essas notas são tão curtas, tão incompletas, que é impossível estabelecer, segundo tais informações, tal diagnóstico.

Isso dito, e dada a raridade dos casos de delírio crônico nos pretos, segundo a opinião corrente, pensamos não ser inútil apresentá-las. É preciso ressaltar: 1) na observação III, que o delírio mostrou-se bruscamente num indivíduo que apresentava estigmas físicos de degenerescência; 2) na observação IV, a coexistência do delírio alcoólico, que é evidente.

Observação III (dr. Roxo)

Um negro sofrendo de psicose sistemática progressiva.

José Antonio, preto, solteiro, nacionalidade brasileira, vinte e oito anos. Entrou no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro em 4 de dezembro de 1899. Altura 1,64m; grande envergadura 1,83m; diâmetro craniano ântero-posterior 194mm; transversal 140mm; grande circunferência 570mm.

Segundo as informações recolhidas, José Antonio, sendo empregado na casa do general D. G., atacou-o furiosamente, após uma violenta altercação.

O doente afirma que haviam conseguido que ele entrasse em discórdia com seu patrão e que ele era alvo de zombarias caluniosas. Muito preguiçoso, passava seu tempo contemplando as árvores a sorrir, na atitude de alguém que está escutando palavras agradáveis a si dirigidas. Sua mãe morreu quando ele estava na primeira infância; não há outras informações sobre seus parentes. Não se sabe se tem irmãos ou irmãs. Sofreu muito de hipoemia quando era bem pequeno. Declara nunca ter tido acidentes nervosos, mas em sua juventude sentia arrepios no estômago; não sofria de tonturas ou vertigens. Suas noites são boas e calmas. Por vezes, entregava-se a excessos alcoólicos, mas isso raramente. Segundo ele, todos os empregados domésticos da casa lhe queriam mal e tentavam fazer com que fosse despedido. Ele os escutava ridicularizá-lo em voz baixa, cochichando. Rosto assimétrico. As pupilas reagem bem à luz e à acomodação. Pequeno quisto na narina esquerda, nariz achatado, lábios grossos, boa dentadura. O coração e o pulmão estão em seu estado normal, as vísceras também. Diminuição dos reflexos. Inexistência de perturbações de sensibilidade tátil, dolorosa ou térmica.

Observação IV (dr. Roxo)

Martiniano do Santos, preto, exerce a profissão de ajudante de pedreiro. Admitido no Hospício Nacional de Alienados em 14 de setembro de 1896. A língua e os dedos tremem.

Percebeu, há algum tempo, que quando ele saía a passear, todo mundo o olhava fixamente; alguns se debruçavam nas janelas para vê-lo e outros, em número maior, seguiam-no na rua. Batiam à porta de seu quarto durante a noite; então, ele via uma careta do diabo que o tentava. Às vezes, ele despertava de súbito e começava a imitar a batida do tambor em sua cama. Numa noite, ele despertou subitamente e sentiu que o queimavam em um dos lados do corpo; escutava o crepitar característico da carne queimando e sentia seu cheiro, mas não enxergava a chama, embora percebesse pequenos pontos luminosos.

Um dia escutou as pessoas que o olhavam fixamente dizerem: “Deixem-no em paz por hoje, ninguém lhe fará mal”.

Certo dia, no momento em que entrava na igreja para assistir a missa, escutou um coro de vozes cantando: “Ele chegou, ele chegou, ele chegou!”.

Segundo sua declaração, nunca tinha sofrido ataques de qualquer espécie ou vertigens; entretanto, certa vez, caiu de um andaime e, em sua queda, luxou o braço. Pai alcoólico, mãe saudável.

A existência, e mesmo a frequência da loucura sistemática progressiva nos mestiços é indiscutível. Publiquei nos *Annales médico-psychologiques* memória (Nina-Rodrigues, 1898; 1901) sobre Antonio Conselheiro, que era um caso curioso de delírio crônico em um mestiço, nas veias do qual predominava o sangue indígena. O dr. Marcio Nery também publicou, na *Revista Brasileira*, o caso sobre o qual já falamos.

A seguinte observação é igualmente demonstrativa.

Observação V (pessoal)

Delírio crônico de evolução sistemática em um mestiço preto. Infância acidentada e instável. Fase de inquietude. Fase de delírio de perseguição com idéias de feitiçaria. Alucinações auditivas.

Em 31 de julho de 1901, J. Nicolau da Silva é admitido, pela segunda vez, no Asilo São João de Deus. É um mulato escuro, quase preto, produto de uma mulata e de um negro. Seu pai é falecido de causa ignorada. Devido a hemorragia cerebral ocorrida há pouco mais de um ano, sua mãe tornou-se hemiplégica do lado direito. Esse doente é o filho mais velho e tem dois irmãos e uma irmã, ainda vivos e de boa saúde. Seu irmão imediatamente mais novo é latoeiro, o seguinte explora uma pequena fábrica de charutos. Sua irmã é casada. Além deles,

Nicolau tem ainda duas irmãs por parte materna, mulatas claras, filhas de pai branco. A mais velha dessas irmãs é solteira e tem boa saúde; a mais jovem, igualmente solteira, é imbecil, quase idiota.

A infância de nosso doente foi acidentada. Aos dez anos teve varíola. Durante sua convalescença sofreu uma suposta congestão cerebral, que o deixou completamente mudo por vinte e quatro horas: “ele ficou como morto”. A família atribui esse acesso mórbido a uma indigestão, asserção que não temos possibilidade de confirmar. Um ano ou dois após, ele fratura a perna. Começa a aprender vários ofícios, mas sem sucesso. Sua família nos declara que ele fugia de todos os seus patrões. Por volta de seus dez anos, foge da oficina de marcenaria onde era aprendiz, depois de ter jogado uma garrafa de verniz em um dos filhos de seu patrão. Em seguida, entra como aprendiz na oficina de um carpinteiro, que irá abandonar pouco depois, dizendo ter sido punido por uma falta que não havia cometido. Após essa fuga, entra em aprendizagem com um latoeiro, e ali permanece por cinco anos, conseguindo aprender esse ofício; porém, mais uma vez, abandona a oficina. Sem trabalho, sem meios de subsistência, tornou-se primeiramente ajudante de pedreiro e depois auxiliar de calceteiro, carregando pedras para pavimentação de ruas. Esse trabalho não lhe agradou por muito tempo, e ele o abandona para entrar sucessivamente em várias fábricas de charutos, como operário. Finalmente, consegue um emprego numa importante casa alemã de exportação de tabaco e de cacau e chega a ser encarregado do serviço de controle e embarque.

Ele mesmo confessa o fato de que nem sempre teria se mostrado escrupuloso no exercício de seu cargo: dava presentes que retirava das mercadorias confiadas à sua guarda e sabia tirar bom proveito de sua situação profissional. Entretanto, certo dia ficou claro que sua firma estava sendo prejudicada nas operações de embarque de cacau. Nosso homem tentou jogar a culpa sobre um de seus colegas que, segundo ele, teria abusado de sua confiança, mas a conclusão tirada de seu relato é que essa pessoa teria permanecido totalmente alheia aos roubos praticados. De qualquer maneira, a firma prestou queixa à autoridade competente para que ele fosse preso. No entanto, ele conseguiu esquivar-se da ação da justiça. Privado dos amplos recursos de que dispunha anteriormente, viu-se obrigado a trabalhar clandestinamente em fábricas de charutos, sempre tentando escapar da justiça, que temia.

No período em que era encarregado do controle de embarque das mercadorias, vivia maritalmente com uma moça, que era ainda sua companheira quando se manifestaram os primeiros sinais de agitação. Ele começou acusando sua concubina de se comportar mal, de se prostituir com todo mundo, e fez várias cenas de ciúmes; depois, descobriu que essa mulher lhe lançava feitiços. Ele atribuía a um terço e a três escapulários, que usava no pescoço, um grande

poder contra os sortilégios. Certa manhã, ao despertar, constatou que o terço estava quebrado; seus escapulários desapareceram alguns dias depois. A partir desse momento, as provas de enfeitiçamento se multiplicaram: um dia, ele vê a amante cobrir com panos embebidos em seu sangue menstrual a abóbora que lhe serviu na refeição; ela carregava a chave do quarto de dormir amarrada numa corda com sete nós; ela escondia atrás de uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes um cordãozinho com o qual medira seu pênis enquanto ele dormia; e escondia debaixo do colchão uma toalha com letras cabalísticas nos quatro cantos. Através desses meios, ela tinha conseguido torná-lo impotente, mas um dia, desconfiado, ele queima a toalha, e sua energia viril reaparece; uma blenorragia se declara, sente-se mal, não dorme, tem tonturas, sensações de queimadura no peito, sentimentos de angústia.

Rompe com sua companheira, abandona-a e vai morar com a mãe. Aí, seu estado se agrava em vez de melhorar. Seu sono desaparece inteiramente; diz ter ficado três meses sem dormir. Foi consultar vários médicos, mas a *feitiçaria* vence e sua ação se alastra até a sua bolsa escrotal. Essa nova preocupação hipocondríaca parece ter nascido de um pequeno eczema periférico. O doente lava constantemente as partes íntimas com todos os tipos de infusões e usa muitos remédios tópicos. Afirma não existir nas farmácias qualquer pomada que ainda não tenha empregado. O abuso dessas aplicações provoca tal inflamação que tais partes ficam em carne viva, sendo que o doente continuava a atribuir esses efeitos à feitiçaria de sua ex-amante. Foi nessa época (1893) que as alucinações auditivas parecem ter começado. Ele conta que certa noite, quando sua família já estava dormindo, ele foi até a cozinha para se lavar, tomar um banho de assento; isso feito voltou ao cômodo que dava para a rua e estava se enxugando com uma toalha quando uma mulher da vizinhança começou a espíá-lo, confundindo o seu procedimento higiênico com um ato de onanismo. Ele a escutava gritar: “Olhem o louco; ele está virando macaco” (expressão de gíria popular pela qual se designa aquele que pratica o onanismo). No dia seguinte, o fato era conhecido por todos os moradores da rua. Todos zombavam dele e era evidente que ele era desprezado. Havia uma padaria em frente; era principalmente dali e da casa de uma vizinha que partiam as risadas, os assobios, as vaias, os xingamentos. Ele podia escutar tudo de seu quarto; tentava surpreender aqueles que o estavam insultando, mas quando aparecia inesperadamente à janela, não via mais ninguém, todo mundo tinha desaparecido. A vizinha pagava moleques de rua, desordeiros, para insultá-lo, persegui-lo, chamá-lo de “masturbador”. Ele nunca a tinha visto combinar essas coisas com os moleques que o insultavam, mas ela ria com tanto estardalhaço que tais risadas, para ele, já eram uma prova. Finalmente, exausto de tantas afrontas, apresentou queixa à autoridade, que convocou a pessoa acusada; esta ignorava tudo e nem mesmo conhecia o doente.

Foi dispensada por inconsistência da queixa. Se essa mulher tinha sido solta, ele dizia, fora graças às suas proteções e também porque ele comparecera sem gravata diante da autoridade competente. A partir desse momento, Nicolau não deixava mais ninguém em paz em casa. Tinha, durante a noite, alucinações aterrorizantes. Uma vez, sentiu que uma mulher o agarrava pelo pescoço, tentando matá-lo durante o sono. Ele gritou, dando alarme pela casa, e se refugiou aterrado na sala de refeições, onde queria permanecer junto de sua mãe e de sua irmã. A visão da mulher que tinha tentado arrancar-lhe a vida perseguiu-o durante toda a noite e ele afirmava que era a mãe de sua antiga amante. Esta morreria fazia pouco tempo.

A família desse infeliz fez todos os sacrifícios possíveis para curá-lo. Convencida de que se tratava de um encantamento, foi consultar um feitiçeiro *caboclo* (indígena) que se comprometeu a curá-lo em troca de 20\$000 (mais ou menos 50 francos). As práticas de feitiçaria às quais foi submetido são bem conhecidas entre nós. Foi empregado um galo preto e uma galinha-d'angola. Depois de morto, o galo foi colocado sobre a cabeça do doente para que, por meio de procedimentos mágicos, a ave ficasse impregnada com a doença; depois, o animal sacrificado foi colocado à porta da antiga amante de Nicolau, para que a doença pegasse nela. A galinha-d'angola, frita em óleo de dendê, foi servida ao doente e à sua família, mas a cura não aconteceu. Foi preciso se resignar à internação de Nicolau no Asilo, onde ele entra pela primeira vez em 18 de julho de 1893.

A internação parece ter atenuado consideravelmente os fenômenos, pois ele saiu do Asilo um ano depois, a pedido de sua família e com o consentimento do médico da instituição (3 de julho de 1894).

Nicolau empregou-se novamente em fábricas de charutos, mas sempre acompanhado por suas idéias de enfeitiçamento e de perseguição.

Quatro anos se passaram sem qualquer incidente digno de nota, até que, por volta do fim de 1899, ele mais uma vez se mostrou preocupado; os insultos tinham recomeçado, novamente o estavam enfeitiçando e era claro, a seus olhos, que sua mãe e irmãos, em convivência com sua antiga amante, participavam das redes de feitiçaria que o envolviam. Parou de sair; suas noites não passavam de longas vigílias; ele impedia todo mundo de dormir em sua casa e pedia que processassem seus perseguidores; fechava todas as portas, se retraía. A família do doente solicitou uma nova internação no Asilo. Ele foi preso, conduzido à delegacia, e compareceu diante do delegado em pessoa que, após a audiência, convenceu-se de seu perfeito equilíbrio mental, tal era sua aparência de total lucidez. A autoridade devolveu-o à sua família, mas ele se recusou a viver com ela; fez sua mala e buscou abrigo na casa de um amigo. Alegando que suas vestimentas e roupas brancas estavam enfeitiçadas – como se podia ver, ele dizia,

pelos buracos que esgarçavam todas as peças – ele despedaçou sua mala durante a primeira noite, botou fogo nos restos, queimou tudo que possuía, sendo que seu relógio e sua corrente também foram destruídos e jogados no fogo. Diante dessas manifestações de loucura, ele foi preso na delegacia; de lá, foi levado à Casa de Correção, onde permaneceu quatro meses, esperando uma vaga no Asilo (julho ou agosto).

Ali, as idéias delirantes não o abandonaram positivamente, mas diminuíram tanto e estavam tão dissimuladas que sua família o fez sair de lá uma segunda vez.

Um de seus irmãos, proprietário de uma pequena fábrica de charutos em Maragojipe, levou-o a essa localidade, depois de ter-lhe comprado roupas novas. Desde sua chegada, Nicolau considerou-se livre de seus perseguidores (outubro de 1900), mas ao cabo de dezessete dias percebe que sua cunhada o maltrata; desde então, passou a evitar a casa do irmão e passa os domingos e dias de folga na casa de uma tia. Aí, conhece uma moça pela qual se apaixona e a quem propõe casamento. Mas logo fica sabendo que ela não é uma moça honesta, que um de seus primos a seduziu e este se torna seu perseguidor. Coloca-se perto das janelas da fábrica para ouvir o que dizem seus detratores e embora estes dissimulassem, conseguia escutá-los perfeitamente. Escreviam-lhe cartas cheias de hostilidades; diziam que ele era louco e tinha sido internado no Asilo etc. Certo dia percebe que suas roupas tinham sido enfeitiçadas; vê alfinetes em cruz pregados em seu chapéu.

Uma imagem emoldurada representando São José, dotada de grandes virtudes milagrosas, tinha sido deixada como herança para sua tia; os inimigos de Nicolau tinham enfeitiçado o quadro, como ele mesmo tinha verificado. Essa imagem estava pendurada na parede, entre as imagens de São Bartolomeu e São Brás. De um buraco no teto, bem em cima do quadro, caíam pedaços de papel e sujeiras que vinham profaná-lo. Do quadro, que ele quebrou, fez uma pequena fogueira, colocou em cima todas as suas roupas, ateou fogo, recolheu as cinzas que diluiu num copo d'água, e engoliu tudo. Em seguida, foi procurar seu suposto rival para exigir-lhe reparação e quase o matou.

Então Nicolau foi preso, colocado na cadeia e levado à Bahia onde, como dissemos, deu entrada no Asilo pela segunda vez, em 31 de julho de 1901.

Ali, o doente dissimula seu delírio, pois quer obter a liberdade pela segunda vez. Mas, por meio de um interrogatório bem conduzido, fazem-no confessar alucinações auditivas que lhe anunciavam a doença ou a morte de sua mãe ou de seus irmãos. As convicções delirantes permanecem intactas; sua mãe e irmãos são coniventes com seus perseguidores, e ele considera a mãe uma louca.

Poderíamos, na presença das diversas fases da infância desse doente e dos incidentes que a povoaram, acreditar numa paranóia originária. Mas o caráter de

perseguição que ele atribui, atualmente, às ações de alguns de seus antigos patrões e o sentimento de grandeza que se manifesta quando ele nega sua suposta participação em más ações realizadas por seus companheiros do passado pedem, muito mais, uma explicação palingnóstica. De fato, essa tendência se mostra em mais de um ponto de sua história. Hoje, ele atribui a seu irmão o roubo dos escapulários do qual diz ter sido vítima no início de sua doença, afirmando ainda que foi em Maragojipe que uma voz veio avisá-lo disso.

Devemos também notar o caráter de feitiçaria assumido pelo conteúdo do delírio no doente; crença na feitiçaria da qual participa toda a família.

B) Delírios sistemáticos de evolução crônica dos degenerados (Legrain, G. Ballet). Paranóia originária de Sander. Formas intermitentes e contínuas da paranóia (Tanzi e Riva). Paranóia (Brandão, Nery, Franco da Rocha etc.). Delírios sistematizados dos degenerados (Magnan) etc., etc.

Durante os debates sobre o delírio crônico ocorridos na Sociedade Médico-Psicológica (sessão de 27 de fevereiro de 1888), o sr. Magnan criticou a denominação de *delírio de evolução crônica*, que se encontra na tese de Legrain (1886, p. 171), mas não deu a conhecer sob qual forma compreendia esses delírios, como assinalou muito justamente Séglas. Ele os engloba, então, nos delírios sistematizados dos degenerados.

Esses casos são freqüentes nos negros e mestiços. No que se refere à paranóia originária, Marcio Nery não só declara que ele nunca a observou, mas afirma, além disso, a sua impossibilidade, baseando-se na insuficiência da organização mental das crianças para os delírios sistematizados. E é por isso que ele não admite a paranóia antes da puberdade. Devemos voltar a essa idéia, que é manifestamente exagerada, pois aqueles que admitem a paranóia originária, não admitem um delírio sistematizado durante a infância, mas apenas um desequilíbrio mental no qual, mais tarde, irá se desenvolver o delírio. Neisser também recusa a paranóia originária, mas ele se baseia na possibilidade de uma interpretação palingnóstica desses delírios supostos da infância. Maynert aceita em parte essa opinião. De qualquer maneira, não conhecemos nenhuma observação indiscutível de paranóia originária nos negros ou mestiços, e penso que isso se deva às dificuldades para se obter informações sobre os doentes das classes inferiores da população, às quais em geral pertencem os paranóicos negros. Franco da Rocha insistiu nesse ponto.

As três observações seguintes bastam para documentar a existência, nos pretos, do delírio crônico dos degenerados.

Observação VI (pessoal)

Delírio sistematizado de perseguição e de grandeza em um negro de raça pura. Idéias de possessão e idéias de negação de órgãos. Alucinações complexas: verbais auditivas, verbais motoras, de articulação e gráficas, visuais e cenestésicas. Ausência de estigmas psíquicos; manifestação tardia do delírio.

Lino Marqueton, trinta e nove anos, filho da negra africana Lourença, nagô ou iorubá de Oko, país situado na Costa dos Escravos, e do negro Fabião, igualmente iorubá, nascido em Joba, na mesma região. Os pais de Lino eram afiliados a uma seita religiosa iorubá e sua mãe, sacerdotisa dos orixás Ogum e Iemanjá, tinha muitas vezes caído em estado sonambúlico de possessão, que em sua linguagem pitoresca os negros chamam de “estado de santo”.

Embora filho de escravos, Lino recebeu uma instrução primária razoável. Depois, foi colocado em uma instituição onde obteve alguns sucessos. A seguir, fizeram-no aprender o ofício de pedreiro e ele se tornou empreiteiro de trabalhos de construção.

Um médico, antigo condiscípulo de Lino, que continuou a observá-lo, nos declara que ele sempre foi aplicado, sério e trabalhador. Lino já mostrava então um certo grau de gagueira, que ainda conserva. Aliás, ele não apresenta muitos estigmas físicos de degenerescência, a não ser a aderência dos lóbulos das orelhas. Aqueles que o conhecem concordam em dizer que ele sempre foi sóbrio. No início de 1901, sinais de loucura se manifestam; as perturbações se acentuam pouco tempo depois, e coincidem com uma forte crise de hemorróidas. No começo, foi apenas um delírio incoerente, com idéias de danação; a isto se sucede uma agitação violenta; o doente quebra tudo, fala muito; um pouco mais tarde, a excitação diminui e o delírio se sistematiza; as idéias de grandeza associam-se intimamente às idéias de perseguição. Ele possui uma fortuna colossal em moedas de ouro, que lhe foram legadas por um velho negro africano e feiticeiro; essa fortuna se encontra em parte no seio da glória, no Céu; a outra parte está em seu próprio corpo. Ele sente que tem moedas de ouro até a garganta, mas sua mãe e a Virgem Maria o perseguem; sua mãe, que se transformou em serpente no Paraíso, é o demônio em pessoa. Essa transformação prova tal fato. Sua mãe e a Virgem Maria não lhe permitem tomar posse de suas riquezas; é por isso que ele se veste tão pobremente. Apesar disso, é dotado de poderes extraordinários e se chama Lino Marqueton Jesus Cristo Jovem. Em sua prisão no Asilo, ele está em expiação como o fez Jesus Cristo. Seus perseguidores o tentam por meio de serpentes e de víboras que jogam sobre ele, que o penetram por todas as partes do corpo e o atravessam de um lado a outro. Houve um tempo em que os répteis que jogavam sobre ele eram tão numerosos que lhe devoravam os olhos e o cérebro. Mas, felizmente, quando os órgãos estavam todos destruídos, Deus vinha e reparava todo o mal. Graças a essa intervenção divina é que ele não está

cego ou morto. O demônio continua a jogar víboras sobre Lino, mas Deus as retira facilmente de seu corpo por meio de uma varinha designada sob o neologismo de “patrimônio”, que as atrai e as retém. Deus e o Diabo também penetram em seu corpo de vez em quando.

Além das alucinações verbais e das de sensibilidade orgânica, que se revelam pela presença das serpentes que lhe atravessam o corpo, pela mudança de seus dentes etc., Lino tem alucinações visuais. Ele vê o demônio quando este se aproxima para lançar-lhe suas serpentes. Ele vê Deus, “um velho careca, com barba comprida e branca, com dentes verdes e olhos brilhantes”, como também vê a Virgem. Tem intensas alucinações verbais. Não somente escuta a voz dos espíritos que o dominam, alguns como perseguidores, outros como protetores, mas ainda conversa com eles “no coração”; não é a seus ouvidos que eles falam, mas se dirigem diretamente ao coração. Quando sozinho, tem constantes alucinações verbais motoras, que se traduzem em linguagem falada ou escrita. Ele pensa alto, às vezes murmurando, principalmente quando escreve. Às vezes fala em voz baixa, e escreve o que diz com o dedo, na mesa, na parede, na mão esquerda, em qualquer lugar. Quando encontra no pátio um caroço de fruta qualquer, ele o recolhe e o usa para escrever no chão durante horas e horas. Esse exercício roeu-lhe totalmente as unhas do polegar, do indicador e do dedo médio da mão direita. Esse doente apresenta até a forma mais completa das alucinações verbais motoras, a impulsão verbal. Ele insulta com veemência a mãe do administrador do Asilo e depois lhe pede mil desculpas, dizendo que não foi ele pessoalmente que a insultou, mas sim a Virgem, por sua língua.

Na sua entrada no Asilo, Lino estava sofrendo de uma erupção sifilítica que cedeu a uma medicação específica. Seu delírio é parcial; fora de seu delírio ele é lúcido e fornece informações precisas. Na esfera delirante que tende a aumentar, o elemento confusional é sensível. Ele tem momentos de depressão em que chora; então, ajoelha-se e reza, ou melhor, conversa com Deus.

A internação melhorou sensivelmente o elemento confusional, de modo que Lino obteve seu *exeat** em 20 de junho de 1902.

Desde sua volta para casa o delírio, já bem atenuado, continuou a decrescer. Lino dirige pessoalmente seus trabalhos e busca novas obras. Entretanto, basta examiná-lo para se certificar que as idéias delirantes persistem, assim como as

* *Exeat* (*exéat*), permissão para sair (do hospital, da escola), licença, dispensa. Termo latino originado do Direito Canônico que significa “que ele saia”. *Dictionnaire de L'Académie française*. 6. ed. 1832-1834.
[on line]. <<http://colet.uchicago.edu/cgi-bin/dico1look.pl?strippedhw=exeat>>. (Nota da revisora).

alucinações auditivas e as referentes às serpentes. Principalmente, as idéias de grandeza são manifestas. Apenas o elemento confusional quase desapareceu.

Ausência de amnésia, de perturbações óculo-pupilares e de tremores.

Observação VII (Marcio Nery)

Delírio sistematizado de grandeza em um negro degenerado. Degenerescência sexual. Alucinações.

Mariano S.R., negro, trinta e cinco anos, casado, profissão de jardineiro, natural do estado do Rio de Janeiro, sabe ler e escrever.

Admitido no Hospício Nacional de Alienados em 27 de abril de 1898.

Medidas antropométricas: Índice cefálico 83,9; altura 1,79m; envergadura 1,98m; peso 83 quilos; diâmetro ântero-posterior máximo 181mm; transversal máximo 152mm; circunferência longitudinal superior 310mm; grande circunferência 560mm; acrocefálico.

Histórico: Alcoólico inveterado, escroque, pratica o onanismo; pederasta passivo. Tentou violar sua mãe e sua avó, tendo sido impedido por circunstâncias alheias à sua vontade. Insolente e provocador, busca brigas e badernas.

Sintomatologia: Cabeça curta, crânio pontudo, dentes enormes, língua ligeiramente trêmula. Os outros órgãos nada apresentam de anormal.

Muito agressivo durante os primeiros dias de sua internação, provocou uma luta violenta no refeitório geral atacando funcionários e doentes; dizia, gritando, que tudo que se encontrava ali lhe pertencia. Por causa dessas repetidas agressões, foi preso em um quarto-forte, onde recebe sorrindo as pessoas que vão vê-lo, mas as ataca quando se aproximam.

As observações às quais foi submetido demonstraram, peremptoriamente, que esse doente sofria de delírio de grandeza bem sistematizado, e que suas agressões estavam relacionadas às suas convicções delirantes. Ele é o verdadeiro Deus; todos os homens são seus filhos e é por isso que ele não pode determinar o número de seus descendentes etc. Ataca e violenta aqueles que não querem reconhecer nele o Senhor.

Outubro de 1901: A internação continua; o delírio de grandeza persiste com as mesmas características. Ele está um pouco menos agressivo.

Observação VIII (pessoal)

Paranóia religiosa em um mulato-claro degenerado. Delírio de grandeza e perseguição. Idéias eróticas. Alucinações visuais e auditivas, impulsões verbais.

P. C. da Rocha Pitta, mulato claro, com quarenta e cinco anos. Antecedentes hereditários desconhecidos; como estigma de degenerescência física acusa um grau acentuado de acrocefalia. Temperamento luxurioso, sempre foi muito

inclinado a excessos venéreos. Confessa ter obrigado sua esposa, hoje morta, a se prestar a atos de pederastia e reconhece ter deflorado, antes de ser viúvo, uma de suas cunhadas, da qual fez sua amante.

A falta de equilíbrio mental de Pitta aproxima-o muito da imbecilidade. Ele é com certeza um débil. Era escrivão de paz numa pequena localidade onde se ocupava, fazia anos, de pequenos casos litigiosos, e ao dinheiro que daí provinha acrescentava-se o produto de alguns trabalhos miúdos. Em suma, uma existência precária.

Um grupo de espíritas começa, de 1897 a 1898, a se reunir na localidade onde vivia Pitta; ele assiste assiduamente as suas reuniões e se entrega a práticas espíritas; ao mesmo tempo, liga-se a feiticeiros negros. Um estado de exaltação manifesta-se, e seus excessos são notados em suas evocações de espíritos. No meio da noite vai com freqüência ao cemitério, onde por vezes chega a dormir. Finalmente, certo dia a loucura declara-se abertamente, num momento de exaltação alucinatória em que ele vê fantasmas, espíritos e sinais cabalísticos por toda parte. Seu caráter torna-se agressivo, furioso, e ele destrói ou quer destruir tudo o que vê. É então internado no Asilo São João de Deus, em 23 de agosto de 1898. Um delírio perfeitamente sistematizado se manifesta nesse estabelecimento, ao qual se associam idéias religiosas. O doente emprega, a todo instante, termos judiciários; sua excitação genital aumenta.

O delírio de Pitta é parcial, e isso permite à Administração do Asilo utilizá-lo em serviços que ele é capaz de prestar. A alma de sua mãe, que subira aos céus em 1866, foi suplicar a Deus que desse uma esmola ao doente. Deus respondeu que atenderia a esse pedido, quando Pitta atingisse a idade certa. Em 1898, seus cinco filhos e ele se ajoelharam espontaneamente, sem saber de nada, e dirigiam solenemente a Deus uma prece com o objetivo de obter um ganho de 5 a 10 contos de réis na loteria, a título de esmola e, nesse mesmo ano, em 6 de julho, Deus lhe fez saber que, apesar de sua luta com Jesus Cristo, ele o protegeria; que não somente o quinhão tão cobiçado da loteria lhe seria atribuído, mas que, além disso, ele saberia falar todas as línguas, mesmo a dos pássaros, pois Deus lhe injetou no corpo o próprio sangue divino e o da Virgem, e o consagrou “filho de Deus e querido de todos os santos”.

Deus ordenou a Pitta que fosse de Pirajá a Imbassá, dizendo-lhe que na estrada ele encontraria um cavaleiro num cavalo branco, cujo esterco ele guardaria cuidadosamente em um saco; que esse cavaleiro lhe daria três moedas de 30\$000 réis cada uma e que, quanto ao preço de sua passagem de trem, ele não teria que pagar nada.

A viagem aconteceu, e Pitta relatou-a em um manuscrito onde ele diz: “Fiz tudo o que o *Deus-Lesma* me ordenou, mas em vão; minha viagem não teve qualquer resultado”. Coisa estranha! Após tê-lo enchido de graças, Deus o traiu

e fez com que fosse trancafiado como louco em um asilo; isso causou a ruptura de suas relações com Deus. É essa luta que fornece a matéria do delírio.

Pitta chama seu pai e sua mãe “pai e mãe *ovarianos*”. Agora, ele também é Deus e participou da revolta que explodiu no céu e onde, de um lado, se encontram Deus, Maria e seus parentes, e de outro o Cristo já morto e os santos mártires. Eis seus títulos, títulos conferidos pelo próprio Deus. Eles seguem a assinatura aposta em baixo de certos documentos: “Duque de Maria eterna sempre virgem, doutor médico-legista, cirurgião, parteiro, engenheiro civil e naval, capitão do navio, general do universo, coronel comandante superior da guarda nacional de Pirajá, senador eterno, mecânico universal, professor do Brasil, juiz de corte da Igreja, falando todas as línguas do universo, inclusive a dos pássaros (imitação)”.

Graças aos extensos poderes a ele conferidos, instituiu no céu um Supremo Tribunal Eterno que se reúne às quintas-feiras e aos sábados para emitir suas sentenças de morte eterna ou temporária.

Possuo três volumes de memórias desse louco; neles, ele conta sua história em um estilo judiciário e cheio de termos de tribunal; a forma é aquela que ele emprega nos atos de seu tribunal, diante do qual ele faz comparecer todos os seus amigos e todos os seus inimigos, para conceder aos primeiros milhares de anos de existência e para condenar implacavelmente os últimos à morte, ao purgatório e ao inferno.

Nas numerosas listas de condenados figuram os médicos, os funcionários e os loucos do Asilo. Cada nome é seguido de um signo, desenho representando uma cruz, um caixão etc., e após vêm os termos da sentença.

A luta travada contra Deus ou Jeová e a Virgem é das mais curiosas. As preces, as súplicas, as expressões de respeito e de fidelidade alternam-se com acusações, ameaças e insultos. Intenções vis, crapulosas, os mais revoltantes atos imorais são atribuídos a Deus e à Virgem, e isso na linguagem mais crua, mais obscena. A vida celeste é uma verdadeira orgia, onde Deus, a Virgem e Cristo não têm outras preocupações além dos prazeres sexuais. Deus sacrificou Jesus Cristo por inveja e, em seu lugar, adotou Pitta como filho, para traí-lo logo após. Em seguida, Deus realizou uma transação com Satã, a quem abandonou a Virgem, e se mantém em luta com o Tribunal Celeste composto dos mártires, dos profetas, dos santos e dos piedosos protetores de Pitta. Mas ele sente que, apesar da rebelião divina, não consegue fugir do domínio de Deus, seu pai, e cada vez que alguém pronuncia esse nome diante dele, e principalmente o de Jeová, vê-se obrigado a dar piruetas em torno de si próprio e invariavelmente se ajoelha. Implora a todas as pessoas que conversam com ele para não pronunciarem o nome de Deus. Essa impulsão motora não é a única que se encontra em Pitta; ele apresenta outras, sob a forma de execução impulsiva de ordens recebidas, que tenta

controlar. As seguintes declarações são tomadas de suas memórias, colocadas entre parênteses em sua longa dissertação, o que prova que são originárias de uma alucinação intercorrente: “Deus quer que eu coloque fogo nesta casa, mas eu não quero. Tenho medo das infâmias que o Pai Eterno quer praticar no mundo”. “Hoje, 15. Papai me protegeu porque eu esmaguei um diabinho. Só não o matei porque Papai me disse: solte-o”. As alucinações auditivas são muito freqüentes; basta conversar alguns instantes com o doente para vê-lo, de repente, interromper-se e responder às *suas vozes*. Geralmente essas alucinações, regra quase invariável, são muito obscenas. Citarei como exemplo a seguinte nota encontrada em uma poesia de Pitta. Encontramos aí um diálogo alucinatório entre Deus e São Bartolomeu, totalmente alheio ao assunto da poesia: “Quero, diz Deus, que todo mundo seja feliz, menos Pitta, porque ele quer deflorar uma jovem que eu também desejo. Eu quero deflorá-la, Pitta a irá deflorar na sua vez”. “E quantas virgindades possui uma mulher?”, pergunta Pitta a Deus. “Te direi isso quando a tiver deflorado”, responde Deus. “O que desejais, Senhor, é provocar Pitta”, diz São Bartolomeu (protetor de Pitta). “Baba (Bartolomeu), acrescenta Pitta, Deus só quer bagunçar meus versos, nada mais”.

As idéias eróticas são constantes.

Encontramos, em muitos lugares de suas memórias, notas que mostram a preocupação erótica do alienado: “O duque não morrerá, ou vou acabar com o mundo no dia em que ele deflorar uma de suas filhas”, escreveu em vários trechos.

Pitta chegou a violar uma das alienadas no Asilo.

Uma das grandes preocupações do doente é falar todas as línguas. Como vimos, essa é uma das manifestações de suas idéias de grandeza. Imitando o sotaque peculiar de tal ou tal nação, e modificando a pronúncia de palavras portuguesas, ele pretende falar a língua cujo sotaque imitou. Nós o ouvimos pronunciar longos discursos nessa linguagem quase incompreensível e isso com um ar de convicção profunda, uma expressão solene na fisionomia e gestos indignados. Durante muito tempo acreditamos numa equivalência dos neologismos paranóicos, mas não encontramos em seus escritos uma palavra sequer dessa estranha linguagem; devemos então considerar esses acessos oratórios como uma satisfação dada à sua pretensão de falar todas as línguas.

Esse fenômeno representa por vezes apenas uma impulsão verbal. Tal se infere de uma declaração escrita do doente, em que ele menciona uma alucinação intercorrente que, como muitas outras, está colocada entre parênteses no seu discurso: “Eu te falei (é Deus quem fala) em alemão, e tu me respondeste na mesma língua sem ter consciência do que dizias porque era meu verbo que estava em ti. Eu era e serei durante todos os séculos do mundo”. Evidentemente, é uma idéia de possessão alucinatória que está se esboçando aqui.

Pitta esforça-se em dar um tom exagerado de firmeza e segurança a todas as suas afirmações. Em seus escritos encontramos várias vezes uma espécie de selo representado por uma cruz desenhada com seu sangue. A carta que ele me escreveu ao enviar-me suas memórias está assinada dessa forma; é pena que não disponhamos aqui do espaço necessário para transcrevê-la, pois ela resume admiravelmente a história de seu delírio.

Foi intencionalmente que demos a esta observação um desenvolvimento talvez um pouco longo. Mas queríamos mostrar como um delírio rigorosamente parcial e até aqui perfeitamente sistematizado pode ser encontrado em um degenerado. É também indubitável que, dentro dos limites nos quais é possível admitir o atavismo paranóico, este alienado reproduz uma concepção religiosa calcada na fase mitológica da evolução religiosa. Aplicada à doutrina cristã, vemos no delírio de Pitta toda a história das grandes mitologias dos bárbaros: os amores ilícitos ou incestuosos dos deuses e deusas, suas aventuras galantes, as cenas de ciúmes e as lutas resultantes dessa vida de desordens e paixão. As mitologias greco-romanas estão rigorosamente fotografadas nesse delírio, assim como as dos mexicanos, dos peruanos, dos iorubás etc.

C) Paranóia homicida (Del Grecco)

Não consideramos a paranóia homicida uma forma clínica especial da paranóia. Entretanto, acredito, com Del Grecco, que nessa forma particular há uma verdadeira associação ou combinação da degenerescência paranóica com a degenerescência criminal, ou seja, que o desenvolvimento da paranóia se produz num temperamento criminal ou impulsivo. Os três casos seguintes de paranóia homicida em mestiços de negros lançam, nos parece, uma viva luz sobre a questão, e vêm confirmar nossa opinião. Colocá-los imediatamente após os casos de paranóia primitiva em mestiços, à qual esses três casos pertencem, pareceu-nos útil.

Observação IX (pessoal)

Paranóia homicida em um mestiço. Delírio de perseguição com alucinações auditivas, genitais e de sensibilidade geral. Temperamento epileptóide; violento e impulsivo. Agressões.

Após uma condenação a quinze anos de prisão por homicídio, Leopoldino de Oliveira, de trinta e dois anos, dá entrada na Penitenciária, em 16 de dezembro de 1892.

É um mulato escuro, com traços de índio, o que indica uma mistura complexa das raças branca, vermelha e negra. Estatura elevada, corpulento; fisionomia dura e desdenhosa; barbudo; ausência de estigmas marcantes de degenerescência.

Esse criminoso foi condenado por um tribunal do interior muito distante de nosso centro, e então não pudemos consultar seu dossiê. Nenhuma informação nem sobre o indivíduo, nem sobre seu crime, acompanhou-o à Penitenciária. De qualquer forma, obtivemos as seguintes informações sobre sua família: nem crime, nem casos de loucura dentre seus ascendentes. Ele tem oito irmãos ou irmãs, sendo que um deles é imbecil com acessos de impulsão.

No dizer de sua família, Leopoldino teria cometido seu crime levado por pessoas que haviam insinuado que a concubina de seu avô o envenenava, e que ele só se recuperaria caso a matasse.

Dois de seus companheiros de infância, atualmente co-detentos na Penitenciária, declaram que quando pequeno era uma criança reservada, taciturna, que buscava isolar-se; seu caráter não se modificou ao crescer. Eles confirmam o seguinte relato feito pelo doente.

Em 1891, Leopoldino, então com vinte e dois anos, viu-se tomado de uma violenta paixão por uma de suas primas, que vivia com a amante de seu avô, que a tinha criado. A velha senhora desaprovou esse amor e tentou evitar as relações entre eles. Resultaram daí freqüentes conflitos e um desentendimento profundo entre a velha e o jovem. Este se irritou, tornou-se cada vez mais exaltado, e isso de tal forma que um dia em que a velha tinha ido buscar água numa fonte vizinha, ele a encontrou no caminho, seja por acaso, seja – o que é mais provável – por tê-la seguido. Ele aproveitou da ocasião para atacá-la com dois golpes de faca que determinaram a morte.

As explicações que deu desse ato criminoso revelam idéias mórbidas de perseguição.

A velha, ele diz, aborrecia-o, falava coisas que o prejudicavam, tentava desacreditá-lo, se metia em sua vida, colocando todo mundo contra ele; por isso ele a matou.

Há alguns anos, quando o estado de alienação era menos avançado, ele parecia considerar seu crime algo pouco importante; falava disso como se fosse um ato completamente natural e secundário.

Durante os primeiros tempos de sua estadia na Penitenciária, tinha conservado seu caráter reservado, taciturno, mas trabalhava e mantinha boas relações com os co-detentos. Depois, tornou-se desconfiado, irritável, hostil a seus companheiros; queixava-se deles porque eles o ofendiam, o maltratavam e o provocavam. Ficava ressentido com isso, e depois foi tomado de uma raiva profunda que foi se agravando e concentrou-se em um detento negro, Manoel Inácio, cozinheiro da Penitenciária. Eram queixas contínuas contra Manoel Inácio que o perseguia, o atormentava e enfeitiçava; finalmente ele dá queixa à Administração. Como as medidas tomadas não o tivessem tranquilizado, ele deu,

em 15 de janeiro de 1898, três facadas em Manoel Inácio. Foi então que fui chamado para examiná-lo pela primeira vez.

Leopoldino me recebeu muito mal: mostrou-se violento, respondendo grosseiramente a minhas questões. No entanto, fez-me o relato de seus sofrimentos, contando-me, por vezes com lágrimas nos olhos e soluçando, as inacreditáveis misérias a que o submetiam no estabelecimento. Manoel Inácio, ele me diz, não o deixava em paz um só instante. Ele o enfeitava o tempo todo e o fazia sofrer as piores humilhações.

As alucinações genitais eram as mais graves. Durante a noite, Inácio, em companhia de outros detentos, penetrava em sua cela por atos de magia e o submetia a práticas de pederastia. Em vão ele tomava todas as precauções: esses atos se repetiam todas as noites. De fato, ele se queixou várias vezes ao administrador, que tinha tentado por todos os meios, sem sucesso, convencê-lo de seu erro, do caráter mórbido, alucinatório, de seus sofrimentos. Para mostrar-lhe que não era desconsiderado, o administrador fez fechar a porta na sua frente e guardou a chave. Apesar disso, Leopoldino ainda afirmava no dia seguinte que tinha sido vítima, mais uma vez durante a noite, de um ato de pederastia. Ele não conseguia compreender tal infâmia: “Fazer de mim uma mulher!”, ele dizia. Mas suas ilusões e alucinações não se limitavam a isso. Usavam saliva em vez de sabão, uma faca em vez de uma lâmina para barbeá-lo, cuspiam em seu rosto.

Ele tinha certeza que relatar tudo isso era completamente inútil; todo mundo naquela casa, tanto eu quanto os outros, sabíamos perfeitamente tudo o que acontecia com ele; conhecíamos muito bem as ofensas mais íntimas que ele tinha que suportar (eco do pensamento). Às considerações que eu fazia para convencê-lo, ele opunha o testemunho de seus companheiros. Mas quando estes lhe diziam que ele estava enganado, sua irritação era extrema, acusava-os de conivência e os insultava.

A partir desse momento, o delírio de perseguição se acentua, assim como o caráter agressivo do doente. Atualmente (1901), ele quase não pode sair mais de sua cela; sua luta contra os guardas é contínua; ele os xinga e muitas vezes os ataca. Arma-se com qualquer coisa que lhe caia às mãos; lança contra os guardas a vassoura, o balde onde lhe trazem água, a louça, tendo-os atingido por várias vezes.

Aos períodos de calma sucedem-se períodos de agitação, durante os quais a expressão de sua fisionomia, sua atitude agressiva, o tom irritado de sua linguagem, as ameaças dirigidas a quem se aproxima de sua cela, transformam-no numa verdadeira fera em sua jaula.

Há pouco tempo (setembro de 1901) nós o vimos num desses períodos de exaltação. Ele tinha começado uma briga com os guardas da galeria onde se situa

sua cela. Dizia que eles não lhe davam um instante de paz; ofendiam-no dia e noite, o xingavam sem parar (alucinação auditiva); batiam nele (alucinação da sensibilidade geral), seu corpo estava moído de surras. Falei com ele, que me respondeu com mau humor, em termos ásperos e secos, que eu sabia e tinha visto muito bem tudo o que estava acontecendo; que eu faria muito melhor se o deixasse em paz e que, aliás, ele não queria nada de mim. Um quarto de hora ainda se passou; então, ele me instou com dureza a retirar-me de sua presença. O guarda que me acompanhava aconselhou-me a tomar cuidado com uma violência súbita, pois o doente, dissimuladamente, já tinha se armado com a vassoura que haviam deixado em sua cela para que ele a varresse. Ele já tinha atacado guardas em condições semelhantes.

Consertos necessários em sua cela obrigaram sua transferência para uma cela situada em outra galeria e submetida à vigilância de guardas que desconhecia. Sem dúvida, essas mudanças contribuíram para trazer o doente à calma em que o encontrei durante minhas visitas posteriores (outubro de 1901).

Hoje ele conversa com mais tranquilidade, se podemos chamar de conversa um diálogo em que não se obtém senão aquiescências deliberadas ou respostas evasivas ou negativas, completamente fingidas, pois ele considera tudo o que me diz como vão e inútil, já que eu estou totalmente ciente daquilo que se faz contra ele.

Aproveito um desses momentos de calma para fotografá-lo. Como medida de precaução, peço ao administrador, que apesar de tudo o detento respeita, que assista à operação.

Neste alienado, o delírio paranóico não disfarça, mas pelo contrário revela completamente o caráter, o temperamento criminal em que se desenvolve. Del Grecco (1897) já tinha demonstrado que essa é a regra nos paranóicos homicidas. É possível que Leopoldino seja um paranóico originário e que seu crime seja a consequência da doença. Mas o caráter agressivo criminal se revela na precocidade da agressão, que em geral só se mostra nos paranóicos num período mais avançado da doença. Com frequência, ele é mesmo justificado até certo ponto como sendo uma reação, uma revanche legítima dos sofrimentos e das injúrias descobertas pela desorganização mental paralógica do paranóico.

A agressão cometida por Leopoldino contra a vítima, que ele devia considerar sua avó, revela uma falta de afeição de família que, com a futilidade do pretexto e o caráter impulsivo do crime, concorre para demonstrar que neste doente havia, além da anomalia paranóica, uma monstruosidade espiritual mais complexa.

Observação X (pessoal)

Um mestiço paranóico homicida. Delírio de perseguição sistematizado. Alucinações múltiplas. Concepções delirantes de um animismo bastante extenso. Delírio de ciúmes. Crises de excitação epileptiformes. Assassinato de sua mulher, de seus dois filhos e de uma doméstica.

Targino da Silva foi preso na Penitenciária da Bahia em 12 de abril de 1898, após uma condenação a trinta anos de prisão (grau mais elevado das leis penais brasileiras) pronunciada contra ele em 15 de dezembro de 1897, pelo tribunal da Conquista, localidade muito afastada da capital.

É um mestiço quase negro em quem predomina o sangue dos indígenas americanos. Tem trinta e cinco anos; estatura elevada, magro, mas bem musculoso. Seus movimentos são rápidos, seu olhar perscrutador, sua fisionomia alegre e expansiva. Estigmas de degenerescência física: a cabeça em pão-de-açúcar (acrocefalia). Seus incisivos são artificialmente talhados em ponta, modo muito em uso nas classes inferiores do interior de nosso Estado. Isso denota sempre, segundo Frazer, a sobrevivência de uma preocupação totêmica.

Nenhuma informação acompanha este criminoso à Penitenciária, mas graças à complacência do juiz do Distrito em que o crime foi cometido, consegui obter alguns dados sobre Targino.

Ele é, me escreve o juiz sr. Barreto, filho de um negro casado com uma mameluca (mestiçagem de branco e índia). Seu pai, homem aliás laborioso, entrega-se por vezes a excessos de bebida. O pai de Targino era considerado um grande criminoso. Era acusado de ter assassinado um jovem por uma rivalidade amorosa, introduzindo-lhe um ferro em brasa no ânus. O cadáver foi encontrado numa estrada. Entretanto, nenhuma condenação teve lugar. Dois parentes do doente são alcoólicos inveterados e baderneiros.

Um detento da Penitenciária, originário do mesmo local que Targino e que o conheceu bem antes do crime, confirma em parte essas informações. Ele era, nos diz, muito ativo e trabalhador. Casou-se e durante algum tempo conservou esses hábitos. Mais tarde, notou-se que seu cérebro se desarranjava e ele começou a acusar a mulher de infidelidade.

Segundo alguns habitantes da localidade, o desequilíbrio de seu espírito teria se sucedido a desilusões amorosas; segundo outros, suas suspeitas não tinham qualquer fundamento; seriam apenas conseqüências de sua loucura.

De qualquer forma, um dia Targino foi se queixar das infidelidades de sua mulher ao seu sogro, que depois de ter-lhe perguntado se ele não estava armado de um facão, o teria incitado a voltar para sua casa para matar sua mulher e seus filhos.

Muitas pessoas pensam que os assassinatos perpetrados seriam a consequência deste conselho. O compatriota de Targino garante que essa era uma opinião geralmente admitida em sua cidade e que a fuga do sogro, que deixara precipitadamente sua casa, contribuiu bastante para fortalecê-la. Ele acrescenta que, durante o julgamento, o acusado deu as mais positivas provas de seu desarranjo mental rindo ruidosamente nos momentos mais solenes e indicando as visões que suas alucinações lhe mostravam.

Targino matou sua mulher quando ela estava num estado avançado de gravidez, seus dois filhos pequenos e uma menina que lhe tinha sido confiada, em condições que ele tem prazer de relatar detalhadamente. Se ele matou seus filhos, foi com o objetivo de livrá-los de seus perseguidores, que em conivência com sua mulher tinham decido fazê-lo desaparecer, a ele, Targino, do palco do mundo. Então, ele voltou para casa armado com seu facão e disse à sua mulher: “Não corra ou você está morta!”. Lança-se sobre ela, dá-lhe uma série de golpes de facão e a estende morta a seus pés. Um de seus filhos, de três anos, agarra-se às suas pernas e pede-lhe clemência para a mãe: o infeliz desfere na cabeça do menino dois formidáveis golpes com o cabo do facão que ele segurava na mão fechada; a jovem vítima dá uma pirueta e cai quase sem vida alguns passos mais longe. Em seguida, foi a vez da menina confiada à sua guarda, que ele deixa morta para ir atacar seu filho mais jovem, que ele decapita. Acabada essa obra de sangue, o assassino se retira a alguma distância, escuta os gemidos de seu filho moribundo, que com uma voz abafada lhe dizia: “Papai!... papai!... papai!”. Por um momento, ele permanece pensativo, meio comovido e como se perguntando se devia prestar socorro à inocente vítima, mas depois de refletir ele diz: “Não, é preciso que ele morra!”.

Targino emprega, ao relatar esses fatos, uma mímica animada; tenta imitar o som metálico dos golpes que deu para decapitar seus filhos; é com um tom divertido e alegre que ele fala da resistência, plena de esperança, oposta por seu filho mais velho que, ele diz, teria dado um homem muito corajoso. Mas isso não atenua em nada a dolorosa emoção produzida por esse relato trágico; pelo contrário, ela só se intensifica. Esse crime, ele declara, não lhe provoca qualquer arrependimento no que diz respeito à sua mulher, que ele mataria novamente hoje caso ela se apresentasse a seus olhos. De resto, ele não acredita em sua morte, pois ela estava encantada. A lembrança de seus filhos, entretanto, faz nascer alguma emoção. O exame dos cadáveres demonstrou que todos eles traziam lesões de decapitação, que não foi, entretanto, mencionada no processo. O ato paranóico revela-se claramente nos motivos que ele dá para justificar-se. Ele sabia há muito tempo da infidelidade de sua mulher. Notara que por toda parte era alvo de zombarias, e alguns chegavam a recriminá-lo por viver com uma mulher dessas. Segundo outras pessoas, ela lhe fazia uma guerra surda e mesmo ameaças

de morte foram proferidas contra ele. Não podia, nessas condições, deixar que seus filhos lhe sobrevivessem, pois eles ficariam sozinhos e desamparados no mundo.

No que se refere a seus perseguidores, ele apresenta uma concepção delirante animista das mais curiosas. Para além do mundo visível, há um mundo invisível onde se repetem os atos realizados no primeiro. Os engenheiros sabem disso perfeitamente. Esse não é um fenômeno limitado ou circunscrito, mas constante, generalizado, e que se estende a todas as causas e a todos os objetos. Espíritos particulares habitam tanto as pedras quanto as árvores, as muralhas, as montanhas etc. Em toda pedra, por exemplo, há um ponto mole que sempre pode ser descoberto se procurarmos bem. Esse ponto escondido é a porta de entrada do espírito; e se durante uma ausência alguém tapar esse buraco, o espírito desalojado vaga sem rumo nos bosques e torna-se *Quibungo*, *Caipora** etc. Targino também fala de uma outra divindade especial e estranha à qual dá o nome de *Santaltar*. Esse nome, verdadeiro neologismo paranóico, não é senão a expressão “santo altar” que os missionários, numa linguagem figurada, empregavam no interior para designar o conjunto dos fiéis, a comunhão católica. Nosso doente se refere a isso como se fosse uma divindade verdadeira, capaz de uma intervenção benéfica ou maléfica nas ações humanas. Ela habita no mundo dos espíritos, sob a terra ou sobre as alturas celestes. A crença animista de Targino é complexa: ele acredita que pessoas hábeis podem, empregando procedimentos especiais, fazer falar os espíritos, evocá-los, invocá-los.

As alucinações auditivas e visuais são freqüentes. Quando estava no sertão, ele ouvia vozes que lhe contavam as faltas cometidas por sua mulher e que o ameaçavam com a perseguição de certas corporações ou associações, os caixeiros-viajantes, por exemplo. Isso sempre o preocupou e o preocupa ainda hoje. Na Penitenciária, ele escuta continuamente uma voz que lhe grita: “Engenho!, engenho!, engenho!”. Para ele, esses são os termos de sua sentença de condenação e também a ordem de seu encarceramento na Penitenciária, que é conhecida no povo pelo nome de “Engenho da Conceição”, antigo nome da fazenda que foi transformada em prisão. A ilusão que produz em seu espírito a apreciação de fatos e épocas distintos (delírios retrospectivo e metabólico) se revela quando ele afirma que essa voz o persegue desde o sertão, sendo que foi somente após sua condenação e sua transferência para a Bahia que ele conheceu essa prisão. Desde sua chegada à Penitenciária, Targino trabalha muito ativamente

* O *Quibungo* e a *Caipora* são dois espíritos da selva em que nosso povo acredita muito. O primeiro é uma importação africana, o segundo é de origem indígena ou americana (Nota de Nina-Rodrigues).

na pequena plantação do estabelecimento: é alegre e conversa livremente. Entretanto, de vez em quando, apresenta períodos de exaltação; então, recusa qualquer trabalho e reclama por si próprio a sua cela, pois sabe que não está bem. Perde o sono e fala sozinho durante a noite toda. Quando volta à calma, conversa com suas alucinações.

Tivemos nos últimos tempos a ocasião de vê-lo durante um desses acessos. Em 4 de outubro de 1901, ele se levanta muito excitado. Sai carregando dois bancos, quando involuntariamente um dos guardas choca-se contra ele. Targino se irrita, torna-se subitamente violento e desfere contra o guarda um violento golpe com o outro banco. O enfermeiro e outras pessoas intervêm, mas o louco tinha os bolsos cheios de pedras, que havia recolhido às escondidas. Começa a lapidar todo mundo e foi com muita dificuldade que o guarda e os outros escaparam desses projéteis. Tentaram, em vão, desarmá-lo. Ele se retirou à sua cela irritado, exaltado. Alguns minutos após, eu o interoguei sobre o que acontecera. Ele me recebeu com aspereza, a boca cheia de ameaças de morte. Dirigia-se nos mesmos termos a outras pessoas presentes. Quando, mais tarde, ele voltou a ficar calmo, contou-me que desde há algum tempo esse guarda, sem se dirigir diretamente a ele, dizia freqüentemente: “A mulher Calu (Carolina), a rainha”, e que isso o tinha revoltado. Depois de tudo, talvez sua mulher fosse honesta, e ele não merecia ser ultrajado. Quanto ao enfermeiro, seu ódio por ele tinha uma origem completamente diferente: era um homem que passava seu tempo fazendo viagens encantadas passando sob as montanhas e as casas. Aliás, no momento de sua saída, os guardas lhe mostraram como o desprezavam, lendo seus jornais, e não lhe dando nenhuma atenção; foi por isso que sua violência explodiu.

As alucinações motoras e cenestésicas são notáveis. Ele aponta, durante suas crises, movimentos extraordinários. Sente montanhas, paredes, casas, ferros, etc., que o arrastam em turbilhões estranhos. Todos os objetos vizinhos parecem entrar-lhe no corpo. “Olhe” – ele me dizia – “esse guarda-sol que o senhor está segurando, daqui a pouco ele vai penetrar no meu corpo. Ele vai atravessar meu coração. É isso que me fazem essas grades, esses postes. Mas isso é horrível!”. Dizia ele ser impossível que um homem submetido a tais sofrimentos, transpassado por objetos de ferro, de madeira, por pedras, árvores etc., lançados de todos os lugares sobre ele, por perseguidores invisíveis, conseguisse conservar a calma e não se irritar. Durante seus acessos de cólera, Targino se transforma: sua fisionomia se ensombra, seus olhos fulminam, ele fecha os punhos, ameaça todo mundo e acaba soluçando e chorando. Ele experimenta, diz, um *sentimento* invencível, indicando o peito como sendo a sede da cólera, e o explica como uma coisa anormal que se apodera de seu ser e que ele não consegue dominar.

Essa observação é muito curiosa. A combinação da anomalia paranóica com crises impulsivas epileptiformes é manifesta. “Nos paranóicos homicidas”, escreve Del Grecco (1898, p. 168), “os surtos de raiva e de violência são característicos, e por vezes, períodos de agitação epileptóide”. Nossa observação confirma absolutamente a opinião do sábio italiano. Os acessos de raiva intermitentes das exaltações de Targino podem muito bem ser uma manifestação equivalente a acessos epilépticos frustrados.

De qualquer maneira, o fundo ou temperamento criminal se revela indiscutivelmente na hereditariedade criminal e na impassibilidade sanguínea diante dos cruéis sofrimentos dos filhos, que certamente não entravam na reação paranóica.

Essa observação também confirma uma penetrante intuição de Del Grecco. A propósito da grande diferença psicológica que existe entre o paranóico puro e o paranóico homicida, “seria conveniente” – ele diz (ibid., p. 167) – “que os observadores dirigissem sua atenção para os alienados que cometeram crimes sob a inspiração de uma idéia delirante de fundo altruístico (como, por exemplo, matar sua mulher e seus filhos para libertá-los da perseguição ou para obedecer a ordens divinas etc.) para pesquisar se esse delírio esconde realmente nesses indivíduos um caráter dócil ou, ao contrário, sentimentos opostos”.

No paranóico Targino, como prevê Del Grecco, a intenção e o ato, em aparência altruístas, de proteger seus filhos contra a perseguição de seus inimigos, sacrificando-os de modo bárbaro, apresentam somente um lado particular das tendências anti-sociais de um criminoso, claramente reveladas pelo assassinato de sua mulher sob a inspiração da vingança, e no sacrifício inútil de uma jovem doméstica que devia ser absolutamente alheia a suas preocupações mórbidas.

É essa a demonstração exterior, por maneiras e expressões diferentes, de um mesmo instinto anti-social que, tanto no amor quanto no ódio, só transpira sangue e massacre.

Por enquanto, limitemo-nos a notar as curiosas concepções delirantes animistas desse paranóico.

Observação XI (pessoal)

Paranóico homicida mestiço quase negro. Delírio de perseguição; alucinações auditivas. Delírio de ciúmes. Assassinato de sua mulher. Confusão mental intercorrente; idéias de grandeza. Morte por inanição e consumpção durante um novo acesso de estupor.

Por requisição da autoridade judiciária competente de Feira de Santana, Manoel Pereira Mascarenhas foi recolhido à Casa de Correção com fins de exame de seu estado mental. Antecedentes hereditários e pessoais desconhecidos. Só o

acompanha uma curta nota indicando que esse louco matou sua mulher, e que na localidade que ele habitava, a opinião geral é de que ele agiu sob o domínio da loucura. A lucidez intermitente do doente permite, entretanto, obter dele alguns esclarecimentos sobre a natureza e o desenvolvimento da doença, confirmados pelas informações de que pude dispor.

É um mulato quase negro, de mais ou menos trinta e cinco anos, bastante desenvolvido. Altura 1,65m., grande envergadura 1,52m. Ausência de deformidade física, a não ser um estrabismo divergente à direita de grau médio. Ele afirma nunca ter se entregue ao consumo de bebidas alcoólicas e nunca ter sofrido de qualquer doença venérea além de uma blenorragia. Tem consciência de ter sido louco, mas só conserva desse período da vida uma lembrança muito incompleta. Sofreu sem dúvida de uma forte agitação, pois foi preciso amarrá-lo, diz ele. As idéias delirantes parecem não tê-lo abandonado durante esse tempo. Afirma, de fato, que sua mulher e seus inimigos aproveitaram de seu aprisionamento para entregarem-se, na sua casa, *em sua presença*, a seus amores criminosos.

Se a partir desses fatos nos aproximamos do estado atual de Mascarenhas, que ainda hoje apresenta em certos dias períodos de confusão mental, de fraqueza da memória e uma compreensão pouco clara de sua situação presente, somos levados a concluir que essa intercorrência não foi nada além de um surto de confusão mental (confusão mental paranóica de Del Grecco) na gênese da qual não estiveram alheios a miséria orgânica e o esgotamento físico e mental de um emigrado das regiões assoladas pela seca.

De qualquer forma, Mascarenhas sabe discernir perfeitamente esse episódio intercorrente, seja da primeira fase de seu delírio, seja da fase atual. Ele sabe que durante o primeiro período estava louco; antes desse período, e também atualmente, ele se encontra em boa saúde.

Quanto tempo durou esse episódio? Ele o ignora. A única coisa que consegue é atribuir-lhe uma certa duração, pois mal haviam começado a preparar a terra para a grande plantação quando ele foi surpreendido pela doença, e a saúde voltou-lhe quando o milho já estava grande.

Faz de seu delírio um relato característico. A região do país que ele habita é de tempos em tempos afligida pela seca, que reduz a população à miséria, à fome, e a obriga a emigrar para o litoral. Durante a última crise em que o flagelo irrompeu, ele teve, assim como todos os homens válidos, que se aproximar da capital do Estado em busca de trabalho. Já tinha notado, durante a emigração, a má vontade de todos a seu respeito, sem que nada justificasse essa atitude. Falavam mal dele, apontavam-no com o dedo, acusavam-no de roubo, ou o perseguiram. Frequentemente, e não sem surpresa, ele tinha escutado pessoas desconhecidas, homens sérios, bem apessoados, dizerem quando ele passava: “É ele, é o ladrão”.

Ele obteve um emprego numa fazenda, na qual permaneceu por algum tempo. Ali, vozes, que ele supunha ser de Nossa Senhora da Luz e de seu anjo da guarda, lhe disseram que sua mulher lhe era infiel. Suas alucinações auditivas são constantes e ele as atribui à mesma intervenção celeste.

Quando a seca acabou, ele resolveu voltar para casa. Ficaram-lhe devendo uma certa soma relativa a seu salário, pela qual lhe entregaram um vale. Ele guardou cuidadosamente esse papel; mas será que na verdade não era um bilhete de loteria? Mascarenhas não tem muita certeza. O que é certo é que esse papel lhe foi roubado, mas ele não sabe dizer como. Ele o tinha arranjado em forma de escapulário com um outro bilhete que sua madrinha lhe dera há algum tempo, e trancou tudo em uma mala. Ali é que se encontram a origem e a causa das perseguições das quais é vítima. Sua voz ou suas vozes fizeram-no pressentir que esses bilhetes lhe trariam grandes riquezas. Pois, graças à sua posse, o dinheiro proveniente da venda de todos os cavalos roubados de sua região deveria vir às suas mãos; e como, a seu ver, o número de cavalos roubados deveria ser incalculável, esses bilhetes lhe garantiriam uma grande fortuna. Mas eles foram roubados. Assim que chegou em casa foi direto abrir a mala onde seu tesouro estava guardado; mas tudo tinha desaparecido. Com certeza, sua mulher e seus inimigos são os autores deste roubo e, naturalmente, foram eles que fizeram saber que sua fortuna era proveniente dos cavalos roubados; daí a acusação que pesa sobre ele, quando o tratam de ladrão.

Ele também notou, ao chegar, que seu sogro, sua mulher e seus amigos tinham criado desentendimentos entre ele e seus antigos amigos e protetores que, agora, o evitavam ou pelo menos se mostravam muito reservados a seu respeito. Vozes continuam a preveni-lo sobre as infidelidades de sua mulher: elas lhe revelavam que um de seus filhos já nascido, assim como dois gêmeos que ela trazia em seu ventre, não eram o produto de suas obras. Aliás, não era necessário que o prevenissem, pois ele possuía provas de tudo isso. Pressionado insistentemente para dizer no que consistiam essas provas, ele me respondeu que, ao retornar para casa, sua mulher o tinha recebido chorando, prova evidente de que essa volta a contrariava. E depois, ele tinha adquirido a convicção de que sua mulher se prostituía, que ela se entregava a todo mundo, mesmo a seu pai – dizia ele com lágrimas nos olhos. Então, ele ficou louco e foi preso. Entretanto, após algum tempo, parecia que sua saúde tinha retornado. Ele estava melhor e trabalhava nos campos. Mas todos continuavam perseguindo-o e sua mulher não parava com suas desordens: ele resolveu se vingar.

Um dia, estando só com a mulher, ataca-a furiosamente e, com um fortíssimo golpe de bastão, deixa-a inerte a seus pés. Pensava que a tinha matado, mas, para sua grande surpresa, ela logo ressuscitara, pois enquanto ele estava fugindo do lugar do crime, escutou sua voz a uma certa distância; aliás, foi ela

mesma quem foi denunciá-lo, fazendo com que o prendessem. Sua intenção formal, ele diz, era matá-la; ela, seu amante e seus cúmplices, e só lamenta uma coisa: ter errado seu golpe. Preso, levado à cadeia, e depois conduzido à Bahia, ele continua a ser maltratado de todas as maneiras; tratam-no de malvado, de vagabundo, de mendigo e principalmente de ladrão.

De fato, suas alucinações são constantes e muitas vezes provocam insônia. Suas ilusões fazem com que ele veja antigos conhecidos em pessoas com quem convive aqui, e depois ele percebe seu erro. Frequentemente, ele chega mesmo a reconhecer nas pessoas presentes indivíduos mortos há muito tempo (delírio palingnóstico).

Às vezes, acredita estar em meio aos seus, afirma que está com eles, mas continua persuadido que seus inimigos estão dispostos a matá-lo. Queixa-se que se recusam a dar-lhe alimentos, o que infelizmente é bem verdadeiro; mas isto se deve a uma imperdoável negligência da administração.

Em 3 de setembro, é transferido para a Penitenciária. Sob a influência da mudança de local, de uma vida menos desagradável (ele pode desfrutar do ar livre) e de uma melhor alimentação, torna-se mais calmo. Quer voltar para sua cidade e pede roupas, um chapéu etc. Fala com insistência de um lote de 300 contos de réis (300.000 francos) que ganhou na loteria; sua voz avisou-o disso e ele volta a se referir às suas riquezas. O delírio de grandeza está apenas se esboçando, é mal sistematizado e o delírio de perseguição encontra-se agora um pouco atenuado. Ele está como que aturdido e não tem uma compreensão clara de sua situação atual. Sua obnubilação mental é manifesta.

Com relação a tudo que se refere a seu crime e às perseguições de sua mulher e de seu sogro, ele é positivo: não admite a menor dúvida a esse respeito; se ela estivesse aqui, ele a mataria novamente.

Algum tempo depois, esse estado de confusão mental aumenta; Mascarenhas não fala mais, fica indiferente a tudo, recusa qualquer alimento, não quer mais que falem com ele e só pede um pouco de água de manhã e à noite. A apatia e a estupidez não são invencíveis, mas um torpor o domina. Falta um tratamento racional. Colocam o doente numa peça insalubre da prisão onde ele entra em estado de marasmo e morre, em 22 de janeiro de 1902.

O crime, nesse paranóico, tem o caráter de uma reação mórbida. No entanto, pode-se descobrir em seu delírio uma ausência total de escrúpulos quando ele faz a apologia do roubo como meio de enriquecer. Mas, ainda aí, a influência do meio sobre o delírio paranóico se revela. Em nossas populações rurais, o roubo de cavalos é uma preocupação constante, tanto para os ladrões quanto para os proprietários. O júri, que se mostra tão indulgente quando se trata de assassinatos, é implacável quando se trata de roubos, sobretudo de roubo de cavalos. A

superposição da confusão mental, que acabou provocando a morte do doente, com o delírio paranóico, que em geral deixa viver por muito tempo, é curiosa.

Acreditamos que este seja um exemplo útil a assinalar.

(continua no próximo número)

Referências

DEL GRECCO. Il temperamento nei paranoia omicidi. *Scuola positiva*, 1897.

_____. Temperamento e carattere nelle indagini psichiatriche e d'antropologia criminale. *Il manicomio moderno*, 1898, p. 167-8.

LEGRAIN. *Du délire chez les dégénérés*. Paris, 1886. p. 171.

NINA-RODRIGUES, R. Epidémie de folie religieuse au Brésil. *Annales médico-psychologiques*, 1898.

_____. La folie des foules. *Annales médico-psychologiques*, 1901.